

Novas possibilidades de difusão da leitura: um olhar para a Arte e a Educação Física

LARISSA CERIGNONI BENITES
SARA RODRIGUES

Escola Estadual Francisca Elisa da Silva, Brasil

1. Introdução

O ingresso das sociedades na cultura da escrita é uma das principais evoluções da era moderna. A alfabetização, entendida como aquisição do saber ler e escrever traz um dos seus progressos: a difusão da leitura silenciosa, que estabelece uma relação solitária e íntima entre o leitor e o livro. Esta relação constitui transformações decisivas, que, de maneira inédita, traçam a fronteira entre os gestos culturais do foro íntimo de cada pessoa e os da vida coletiva (Chartier, 1991).

O livro na vida de uma criança é tão importante e necessário quanto a fantasia que há nele. Seu formato, suas cores e formas servem de instrumentos para alcançar as mãos e os olhos daqueles que, por curiosidade, se interessam em manipulá-lo. Suas páginas alimentam pensamentos, enriquecem conteúdos, esclarecem dúvidas e finalmente fazem com que os leitores e fruidores de seus conteúdos, transformem-se de lagartas em grandes borboletas e alcancem lugares de obscuridade, sem enredamento e amarras.

Não menos importante que o texto de um livro, são as imagens que ele carrega. Em um contexto social dominado pelas imagens, contexto esse denominado era imagética, fazem-se necessárias algumas reflexões, porque os conceitos de leitura e alfabetização mudaram. Atualmente eles não abrangem só a leitura de palavras, mas também a leitura do mundo. Ler também pode ser entender uma situação, interpretar uma mensagem gráfica e outras decodificações de signos (Camargo, 2006).

A visão contemporânea abrange múltiplas linguagens, de modo que, o ato de ler, em toda a sua complexidade, cada vez mais assume uma importância singular. Antes mesmo de ser "alfabetizada", a criança já é capaz de "fazer leituras" do que acontece ao seu redor, de interpretar o olhar dos adultos e de entender se um gesto é acolhedor ou não. Antes de ler palavras, lemos o mundo, pois

... se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. (Freire, 1999, p. 30).

Todavia, é necessário a criação de "ambientes alfabetizadores", capazes de oferecer aos alunos rotinas repletas de atividades de produção e leitura de textos e imagens, mostrando a importância de

Revista Iberoamericana de Educación

ISSN: 1681-5653

n.º 45/5 – 25 de marzo de 2008

EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos
para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)



atividades que exploram a literatura infantil, a redação e a troca de mensagens, a assinatura de desenhos e de trabalhos feitos em equipe, a criação de poesias, leitura e interpretações das ilustrações e de obras de arte, etc.

Neste sentido, no Brasil, normalmente, nas escolas de Ensino Fundamental para crianças de 7-11 anos, esta tarefa é quase que exclusiva do professor polivalente, ou seja, aquele que trabalha com as disciplinas mais clássicas como Português, Matemática, ficando restrita a um horário ou momento de leitura.

No entanto, as disciplinas Arte e Educação Física muito têm a contribuir para com este processo. Por serem disciplinas que envolvem a dimensão motora, cognitiva e expressionista, a sua relação com a leitura é quase que intrínseca, porém, viabilizada de formas diferentes como, por exemplo, a leitura corporal e imagética.

Dessa forma, o objetivo do presente estudo é apontar elementos significativos e possibilidades de intervenção das disciplinas de Arte e Educação Física no universo da leitura, com crianças de 7-11 anos em uma escola Estadual no município de Piracicaba, no interior de São Paulo, Brasil.

Trata-se, portanto, de um estudo de caso que se configurou como exploratório, de análise qualitativa que utiliza como técnica a coleta de dados, a fonte bibliográfica e a intervenção. Na busca de dados, para posterior discussão desta proposta de reflexão, este trabalho será desenvolvido em três tópicos: o primeiro: denominado de *desenvolvimento*, buscará um diálogo com a literatura, visando um mapeamento deste enfoque; o segundo: chamado de *intervenção*, dará ênfase ao processo de intervenção que possibilitou o debate de algumas idéias ou propostas e, para finalizar, o terceiro: *apontamentos finais*, quando se pretende apresentar uma interpretação sobre o assunto investigado.

2. Desenvolvimento

A leitura e seu universo mágico: corporal e artístico

A escrita e a leitura são processos sociais que apontam para a evolução do homem e sua história civilizatória. Dentro deste contexto, a escola, enquanto uma instituição formal de ensino e de educação, vê-se na obrigação de transmitir esta cultura.

Porém, este não é o seu único enfoque e devido às transformações sociais necessita-se de um novo olhar. O sistema escolar esta vivendo uma crise orgânica, pois de acordo com Puiggrós (1998), existe crescentes dificuldades para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita: alienação dos alunos em relação aos livros, distância entre a linguagem básica (alfabética e gráfica) que a escola ensina e as novas linguagens (teleinformática, por imagens, musicais, etc.), entre outros.

Neste sentido D'Ambrosio (1998) propôs um novo entendimento deste universo com a criação do que denominou *Literacia* (capacidade de processar informação escrita, o que inclui escrita, leitura e cálculo, na vida cotidiana) e *Materacia* (capacidade de interpretar e manejar sinais e símbolos e de propor e utilizar modelos para a vida cotidiana), ou seja, dando um novo olhar para o currículo na tentativa de responder às demandas modernas. Estes componentes apontam para a perspectiva de um currículo dinâmico e sua prática depende do professor e de sua responsabilidade.

Tendo em vista alguns apontamentos de dificuldade da leitura, Camargo (2006) direciona seus estudos no sentido em que a alfabetização artística coopera na alfabetização da leitura e da escrita, por facilitar o entendimento pelas imagens, e poucos são os trabalhos que investigam a utilização de imagens, como obras de arte, como instrumentos de alfabetização visual na aprendizagem da leitura e da escrita de crianças.

Dentro deste espaço, o corpo apresenta-se como a base de percepção e organização da vida humana nos sentidos biológico, antropológico, psicológico e social. Dessa forma, o nosso falar, olhar, andar, sentir e pensar representam modos de vida, podendo-se dizer que o corpo é um corpo no mundo que possibilita, na escola, a congregação de representações mentais e absorção concreta.

(...) o corpo não é, pois, um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho não é um pensamento, quer dizer que não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma idéia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa. Ele é sempre outra coisa além do que é, sempre sexualidade ao mesmo tempo que liberdade, enraizado na natureza no preciso momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado sobre si mesmo, e nunca ultrapassado. Se se trata do corpo de outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivendo-o, quer dizer, retomando por minha conta o drama que o atravessa e me confundir com ele. Sou, pois, meu corpo (...). (Cavallari, 1996, pp. 47-8).

Com o paradigma da corporeidade, rompe-se com o modelo cartesiano, não havendo mais distinção “entre essência e existência, ou a razão e o sentimento. O cérebro não é o órgão da inteligência, mas o corpo todo é inteligente; nem o coração, a sede dos sentimentos, pois o corpo inteiro é sensível. O homem deixou de ter um corpo e passou a ser um corpo”. (Freitas, 1999, p. 62).

Na visão desta autora, a corporeidade implica a inserção de um corpo humano em um mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo, querendo isso dizer que torna-se o espaço expressivo por demarcar o início e o fim de toda ação criadora, o início e o fim de nossa condição humana. De forma que o nosso corpo, como corporeidade, como corpo vivenciado, não é o início e nem o fim, é sempre o meio, no qual e por meio do qual o processo da vida se perpetua. O corpo deixa de ser análise para se tornar síntese, bem como o conceito de corporeidade situa o homem como um “corpo no mundo”, uma totalidade que age movida por intenções.

Dentro deste contexto a imagem do corpo é o conceito e a vivência que se constrói sobre o esquema corporal, trazendo consigo o mundo humano das significações, pois na imagem estão presentes os afetos, os valores, a história pessoal, marcada nos gestos, no olhar, no corpo que se move, que repousa, que simboliza. Enfim, na imagem do corpo está implícito não apenas o corpóreo, meu corpo como objeto de reflexão, mas, principalmente, a corporeidade, o corpo-sujeito que age no mundo e que, nesta inter-relação, estende-se para ele, perde suas fronteiras anatomicamente definidas e torna-se marcado pelos símbolos de suas vivências, torna-se presença (Freire, 1999). Dessa forma eu estou no mundo, não em meu corpo, pois o pólo da presença é o outro.

Em geral, o que se apresenta são diferentes olhares sobre o universo da leitura e seu elo com o mundo, o corpo e a escola. Na prática escolar as coisas não estão dadas, havendo necessidade de se superar o fenômeno das “aparências” e de se aprofundar na problemática da leitura, buscando novas possibilidades de intervenção e difusão.

A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo tem feito grandes projetos que têm como ponto de partida a leitura. Alguns como “Programa de Livros”, no qual se insere o projeto Lendo e Aprendendo, é

um grande motivador para a entrega, pedido e reformulações de bibliotecas das unidades escolares. Outro projeto é o “Premio Leitura” que tem por finalidade valorizar ações pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos.

Ainda, dentro da Secretaria de Educação, mas vinculado a CENP — Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas —, existem capacitações e cursos como “Letra e Vida”, voltado para o programa de Formação de Professores Alfabetizadores, destinado a professores que ensinam a ler e escrever no Ensino Fundamental, envolvendo crianças, jovens ou adultos.

Dessa forma, aponta-se para um momento social que vê a leitura como imprescindível para seus avanços e transformações, encontrando encaminhamentos para esta direção e aguardando manifestações.

3. Intervenção

Partindo da premissa de que o ambiente escolar é propício para abordagens de diferentes práticas pedagógicas, estruturou-se uma intervenção para a leitura e suas possibilidades advindas da Arte e da Educação Física, preservando a especificidade de cada uma.

3.1. Educação Física

A Educação Física escolar no Brasil é marcada por uma trajetória que apresenta diferentes influências até o seu formato atual. Na década de 30, apresentava como premissa a “higienização”, sob o comando de médicos e militares, buscando se criar indivíduos fortes e saudáveis para “limpar” a raça. Posteriormente, houve a troca desta concepção pelo lúdico, com o objetivo de distrair o público na perspectiva da política do pão e circo. Na década de 60 ocorreu o advento do esportivismo no meio escolar, tendo a sua influência permanecido até o presente momento. Na fase atual convive-se com uma “dança” das abordagens de ensino, como Construtivista, Crítico-Superadora, Desenvolvimentista, entre outras.

No presente momento o que se tem, como grande referência, no âmbito escolar, são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), apresentando como objetivos: participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, respeitando características físicas e o desempenho de si próprio e dos demais; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestação da cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais e étnicos; adotar hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionado-os com os efeitos sobre a própria saúde e a melhoria da saúde coletiva; solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos, dando possibilidades e também condições para que todos conheçam os seus corpos para explorarem suas dimensões; reivindicar melhores condições de trabalho; e promover um ensino crítico e contextualizado, etc. No conjunto destes objetivos, supracitados, assinalam-se para competências, saberes e práticas pedagógicas.

Furtado e Kunz (2003) não esquecem de mencionar, que mesmo com as dificuldades relacionadas ao processo histórico da Educação Física escolar, ela apresenta amplas possibilidades de contribuir para a formação do indivíduo e no seu exercício de cidadania, fundamentando-se na orientação pedagógica, na

capacidade de considerar a realidade dos alunos e suas vivências e em se ter um planejamento prévio onde envolvam, além de conteúdos, responsabilidade e comprometimento profissional.

Estas orientações também trazem em si mesmos, de forma direta ou indireta, vínculos com a difusão da leitura, tanto específica quanto expressivamente.

Um dos blocos de conteúdo proposto pelo PCN de Educação Física diz respeito a atividades rítmicas e expressivas. Este bloco de conteúdos inclui as manifestações da cultura corporal que têm como características comuns a intenção de expressão e comunicação mediante gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal (Brasil, 1998).

Dentro deste enfoque, preconizou-se um trabalho com alunos de 9-11 anos que envolveu atividades expressivas e mecanismos inovadores para a leitura. Sendo assim, o primeiro conteúdo de fato abordado foi a dança, para desenvolver aspectos criativos e uma linguagem artística.

Em um primeiro momento, os alunos foram iniciados neste conteúdo para desmistificar aspectos relacionados ao gênero e resgatar aspectos culturais. Realizou-se então, um trabalho sobre diferentes estilos de danças e suas características. Em continuidade houve a sistematização de sua parte técnica e execução como planos, trajetória, sentidos, intensidade, duração, leve e pesado, forte e fraco, rápido/ e lento, a fim de mostrar uma gama motora e ser capaz de compreender e disseminar a manifestação expressiva.

Com um período de desenvolvimento de um bimestre, adentrou-se no conteúdo da ginástica, mas com o enfoque em apenas um estilo, a ginástica historiada.

A ginástica historiada pode ser feita de diversas maneiras, mas o seu traço comum é que conta-se uma história e os alunos reproduzem de maneira gestual. Trata-se de representações que vão sendo exploradas.

Nesta perspectiva, escolheram-se textos variados, narrativas, dissertações, poesias, provas, fábulas, para colocar o aluno em contato com diferentes estilos de textos. A literatura explorada foi nacional e internacional e todos os textos foram retirados da biblioteca da própria escola.

A receptividade dos alunos foi enorme, mostrando muito interesse pela leitura, pelos livros e pela ginástica em si, de forma que um conteúdo que deveria ser para um determinado período acabou se transformando em um momento "obrigatório" das aulas de Educação Física.

Criou-se uma rotina para a ginástica historiada, assim em algumas aulas da semana inicia-se a mesma com o momento da leitura e sua interpretação corporal.

Os alunos se interessam pelos textos e acabam recorrendo à biblioteca, aliando-se à dimensão motora, cognitiva e social dentro deste processo.

3.2. Arte

A Arte é um componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica e de acordo com o seu PCN desempenha função tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo de

ensino e aprendizagem e, apesar de estar relacionada com todas as demais áreas, tem suas especificidades e é tratada como área diferenciada do desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e de conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (Brasil, 1996, 1997).

Para Barbosa (1998) a atual preocupação é engendrar narrativas, objetos e imagens com base em um pensar sobre o homem e o mundo, para que, das leituras dessas produções, suscitem-se questões. Estas, por sua vez, dão lugar ao aprendizado e, por meio dele, à transformação da realidade concreta, num movimento contínuo que tem como via de manifestação as semiotizações dessas mesmas produções.

Sendo assim, dentro deste universo, a imagem como possibilidade de leitura está vinculada ao processo de construção do leitor e do seu decifrar. Neste sentido, parte-se da idéia de que os mecanismos de leitura são construídos individualmente para que o leitor consiga ir se apropriando das informações.

O leitor competente é alguém que seleciona entre vários textos sociais o que lhe interessa, que possa efetivamente acrescentar-lhe algo que venha ao encontro de uma necessidade sua. *"Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos."* (Brasil, 1997, p. 54).

Estabelecendo esse conceito como objetivo, foram analisadas atividades com diretrizes baseadas em textos e obras de arte com o objetivo de construção de um discurso crítico do leitor. As etapas da metodologia adotada foram praticamente as mesmas para todas as classes.

Para este momento o que se apresenta como resultado foi a proposta de se "olhar" atentamente para as imagens do cotidiano.

Em um primeiro momento houve a apresentação do livro "Era uma vez três..." de Ana Maria Machado, no qual, de forma enfática, o artista Alfredo Volpi explora o universo das bandeirinhas, em barcos, em mastros, em fachadas, em bandeiras de janela, em muros, coloridas ou monocromáticas. Dentro deste contexto, foi realizada a leitura de sua biografia como possibilidade de fundamentar a sua obra.

Em seguida, realizaram-se descrições dos primeiros contatos visuais, partindo para as discriminações técnicas e materiais utilizadas pelo artista.

Neste *continuum*, a proposta foi reinventar Volpi, a partir da leitura de cada aluno e da criação de instrumentos e materiais que fossem viáveis na realidade em que nos encontrávamos. Como indicativo final se produziram textos escritos a partir das imagens originais e recriadas pelos alunos.

O envolvimento dos alunos foi tão grande que além de visitarem a biblioteca da escola, trouxeram pesquisas também feitas fora do ambiente escolar.

Essa prática se tornou comum entre os alunos e eles passaram a visitar a biblioteca com maior frequência para pesquisar sobre arte e assuntos do seu interesse.

4. Apontamentos finais

Como se pode observar, o trabalho desenvolvido apresentou nuances que contribuem para a sua continuidade. Da mesma forma observou-se com maior clareza que os alunos, envolvidos neste processo diferenciado de compreensão da leitura, se motivaram na perspectiva de um ponto de partida para o seu processo de construção enquanto “leitor”.

Entende-se que com relação aos procedimentos adotados necessitam-se de maiores avanços a partir desta etapa inicial, de forma sistematizada para que não haja descuido dos avanços alcançados.

Relembrando que, na imagem, bem como na leitura, estão presentes os afetos, os valores, a história pessoal, marcada nos gestos, no olhar, no corpo que se move, que repousa, enfim, que direciona o olhar, também para a nossa construção profissional, principalmente, do exercício da profissionalidade docente.

Um professor ensina determinados conteúdos julgados significativos para se viver no grupo social, orienta o processo ensino-aprendizagem dos alunos na sala de aula, cria “mundos”, estabelece uma mediação entre a pessoa, a realidade e a cultura, tendo na docência a especificidade de sua profissão. Profissão esta que é constituída de determinados saberes que dão legitimidade à ação docente, sendo apreendidos num processo formal de educação que deverá continuar, posteriormente, na forma de uma educação permanente e de formação continuada.

Sendo assim, por meio deste processo houve a possibilidade de se difundir novas idéias de compreensão da leitura em momentos diversificados.

Bibliografia

- CHARTIER, R. (1991): “As práticas da escrita”, in: ARIËS, P. e CHARTIER, R. (orgs.): *História da vida privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Cia. das Letras, pp. 113-167.
- BARBOSA, A. M. (1998): *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte.
- BRASIL. Conselho Federal de Educação: *Lei n.º 9394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996.
- (1997): Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF.
- (1998): Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: educação física*. Brasília: MEC/SEF.
- (1998): Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos*. Brasília: MEC/SEF.
- CAMARGO, M. A. S.: “Alfabetização imagética: uma forma de construção da própria cidadania”. Disponível em <www.cereja.org.br/pdf/mariaaparecida.pdf> Acesso em 1 de outubro de 2007.
- CAVALARI, R. M. F. (1996): “O pensamento filosófico e a questão do corpo”, in: DE SOUZA NETO, Samuel (1996): *Corpo para malhar ou para comunicar?* São Paulo, SP: Cidade Nova, pp. 39-50.
- D’AMBROSIO, U.: “Literacia e materacia: objetivos da educação fundamental”, in: *Revista Pátio*. ano 1, n.º 3, nov97/jan98, pp. 22-26.
- FREIRE, Paulo (1999): *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez.
- FREIRE, J. B. (1999): *Educação de corpo inteiro: teorias e práticas da Educação Física*. Rio de Janeiro: Scipione.

- FREITAS, G. G. (1999): *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 96 p.
- FURTADO, I. W., e KUNZ, E.: "Perspectivas de intervenção pedagógica da educação física para a formação de sujeitos autônomos", in: NASCIMENTO, J. V., e LOPES, A. S. (orgs.) (2003): *Investigação em educação física: primeiros passos, novos horizontes*. Londrina: Midiograf, pp.169-186.
- PUGGIROS, A.: "Para que serve a escola?", in: *Revista Pátio*. ano 1, n.º 3, nov97/jan98, pp. 9-13.